

Mulheres: trabalho demais, salário de menos

Ocupação feminina aumentou três pontos percentuais na década, mas homens ganham em média 76% mais

Fátima Oliveira

• Neste último quarto de século, não houve mudança no mercado de trabalho brasileiro comparável ao aumento da participação feminina. Desde o meio da década de 70, a contribuição das esposas no orçamento das famílias, por exemplo, triplicou: saltou de 7% para 21%. Nos anos 90, a proporção de mulheres entre os brasileiros com trabalho nos seis principais centros urbanos aumentou quase três pontos percentuais. Passou de 38,04% para 40,88%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A despeito dessas conquistas, as trabalhadoras ainda têm pela frente o desafio de eliminar as desigualdades que persistem. Uma delas diz respeito ao rendimento. Em todo o país, a renda média dos homens é 76% maior que a das mulheres, que ontem comemoraram seu Dia Internacional. Eles ganham cerca de R\$ 511 mensais, elas R\$ 291. Vale lembrar que 45% delas têm mais de oito anos de estudo, contra 36% deles.

Mulheres que chefiam famílias ganham menos

— As mulheres fizeram uma revolução em termos de entrada no mercado. Hoje, elas somam 26 milhões entre os ocupados e os homens, 39 milhões. Mas há uma diferença grande em termos de remunera-

ção individual, que é preocupante quando se trata das chefes de família — assinala o economista Marcelo Neri, chefe do recém-criado Centro de Estudos de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Os números mostram que uma em cada cinco mulheres que trabalham chefia sua família — entre os homens, a proporção é de 68%. No entanto, a remuneração média das chefes é de R\$ 377, contra R\$ 619 deles. A diferença de 64% a favor dos homens torna mais pobres as famílias lideradas pelo sexo feminino.

Carnavalesca da imperatriz ganha menos que colegas

A desigualdade persiste em outros aspectos. Enquanto as trabalhadoras com curso superior ganham, em média, R\$ 927 por mês, os homens com mesmo nível de instrução ganham quase o dobro: R\$ 1.820. Que o diga a carnavalesca Rosa Magalhães, que conquistou ontem o bicampeonato do carnaval carioca com a Imperatriz Leopoldinense.

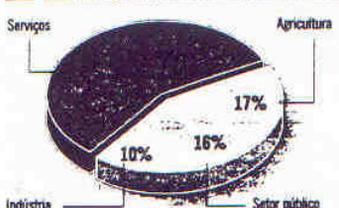
Única mulher entre os carnavalescos do Grupo Especial, Rosa é exemplo de mulher que venceu num mercado masculino. Mas diz que ganha menos que vários de seus colegas — estima-se que receba, no mínimo, R\$ 100 mil por carnaval. — Soube que no Japão, por lei, as mulheres ganham 25% menos que os homens. Aqui não tem lei, mas é assim.

Cresce a mão-de-obra feminina

PROPORÇÃO DE TRABALHADORAS EM CADA FAMÍLIA



DISTRIBUIÇÃO DA OCUPAÇÃO FEMININA

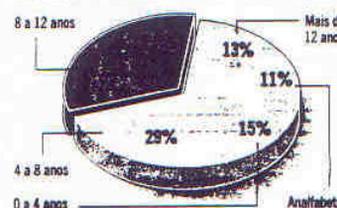


FONTE: PNAC/IBGE e PNAC/IBGE com elaboração de IUPERJ/FGV

CONTINUIDADE DA OCUPAÇÃO FEMININA



ESCOLARIDADE DAS TRABALHADORAS



DIFERENÇA DE RENDA MÉDIA



DIFERENÇA DE RENDA MÉDIA



Participação das brasileiras na vida política do país ainda é muito baixa

• BRASÍLIA. A participação política das mulheres brasileiras continua baixa — menos de 10% das prefeituras são ocupadas por mulheres e, no Congresso, pouco mais de 5% da representação é feminina. Essas conclusões estarão no relatório que o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher vai levar à reunião da Organização das Nações Unidas (ONU) em junho, em Nova York, quando se fará uma avaliação sobre cumprimento das metas traçadas no encontro mundial de mulheres que aconteceu em Pequim, em 1995.

Dos 81 senadores, apenas seis são mulheres. Na Câmara a situação é ainda pior: são apenas 30 mulheres, entre os 513 deputados, o que representa apenas 5,6% do total. Só há uma governadora no país (Roseana Sarney, do Mara-

nhão) e duas ministras do Superior Tribunal de Justiça (STJ).

O Dia da Internacional da Mulher foi marcado em São Paulo por uma manifestação de cerca de 300 pessoas na região central da cidade, em que a palavra de ordem foi "A Mulher no Poder". O ato, que começou com um piquete em frente à sede da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), foi promovido por várias ONGs e deu início a um abaixo-assinado que será entregue ao secretário-geral da ONU, Kofi Annan, em 17 de outubro (Dia Mundial de Luta Contra a Pobreza), com reivindicações pelos direitos da mulher. As assinaturas serão colhidas em cerca de 136 países. No Brasil, a expectativa é de que o documento conte com pelo menos dois milhões de nomes. ■